

MEMÓRIAS QUE RESSIGNIFICAM: O ROTEIRO DE VISITAÇÃO DA COLÔNIA SANTA ISABEL.¹

André Luiz de Jesus Bueno²

Resumo

O trabalho proposto é parte da pesquisa de mestrado em educação intitulado: Colônia Santa Isabel: (Re) construindo espaços e lugares de memória para percursos de visita; que teve por objetivo analisar a Colônia Santa Isabel. Um conjunto urbano criado pelo governo de Minas Gerais em 1931, com a finalidade de segregar os doentes acometidos pela hanseníase de forma compulsória, através da política sanitária do período, que considerava os hansenianos inaptos ao convívio social. Com o fim do isolamento no início da década de 1980, é marcante o abandono da localidade por parte do Estado. Dessa forma, buscou-se a compreensão da produção desse lugar formado historicamente por memórias traumáticas que se constituíram nessa sociedade, tendo como base a análise da história cultural do urbano e suas adaptações. Diante do contexto apresentado, foi realizado um trabalho de história oral com 10 pessoas que vivenciaram o isolamento na Colônia Santa Isabel nos anos de 1931 a 1982, período que remete o seu funcionamento, com o intuito de mapear os espaços de memória afetiva através das edificações ou resquícios ainda existentes, que findou na elaboração de um roteiro de visita com viés turístico para a comunidade. A forma interdisciplinar com que o roteiro foi constituído é marcante no trabalho englobando a temática de história, memória, patrimônio cultural e turismo.

Palavras-chave

Colônia Santa Isabel, hanseníase, memórias traumáticas, história oral, roteiro de visita.

Introdução

A política segregacionista, com viés sanitária, implementada pelo Estado brasileiro no início do século XX, marca a segregação dos portadores da hanseníase no país, implementada entre os anos de 1920 e 1960. As políticas sanitárias brasileiras do período consideravam os hansenianos inaptos ao convívio social, marginalizando-os a ponto de serem denunciados aos serviços de vigilância sanitária e, conseqüentemente, cassados e confinados em colônias, até os anos 1984 (ASSIS, 1996). As justificativas do isolamento estavam ligadas a inexistência de tratamentos eficazes para doença, que naquele momento, era classificada como problema de saúde pública, que se somou, a carga histórica do estigma da doença relacionada a noções de “pecado” e “sujeira” da sociedade. (CARVALHO, 2009).

Apesar de não ser abordado na grade curricular de História como movimento nacional

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático: Educação na/pela cidade, turismo e lazer durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo. O trabalho foi realizado com financiamento da agência KLM e bolsa de apoio à pesquisa da Fundação FGH.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Historiador e Chefe da Divisão de Patrimônio Histórico da Secretaria de Arte e Cultura de Betim, Minas Gerais. E-mail: andrebuenohist@gmail.com.

de importância, as colônias de isolamento assinalaram de maneira profunda a vida de comunidades, os núcleos familiares e o olhar científico para com o cuidado e o tratamento de doenças infecciosas e deixou marcas e vestígios desse passado que merecem investigados. Pensando nesse contexto, o projeto de mestrado nasceu da minha relação direta com a história do isolamento compulsório dos acometidos pela hanseníase, que culminou na construção da Colônia Santa Isabel

A Colônia Santa Isabel foi um conjunto urbano construído em 1931, na localidade de Santa Quitéria, hoje município de Betim (FUNARBE, 2010). Ela representou a adaptação da nova profilaxia recém-pensada no começo do século XX, frente aos antigos leprosários como medida profilática empregada, que casavam o saber médico com o Estado, objetivando receber as pessoas consideradas inaptas ao convívio social devido ao flagelo da hanseníase (CARVALHO, 2012).

Por orientação das conferências profiláticas, a Colônia Santa Isabel foi subdividida em três zonas distintas, a saber: a) A zona sadia, onde localizava as residências dos funcionários, médicos, a casa do diretor e dos religiosos, ou seja, as pessoas que não tinham a doença e trabalhavam na Colônia; b) A zona intermediária, onde se localizavam as edificações de diagnóstico e desinfecção, ou seja, o Pavilhão de observação, laboratório, estufas de desinfecção e parlatório. c) Por último a zona doente, onde se concentrava as edificações que compunham a sociedade interna, dentre eles os pavilhões/dormitórios para homens, mulheres e crianças, áreas de lazer e recreação, igrejas, enfermaria, necrotério e cemitério (FUNARBE, 2010).

De maneira geral, estabeleceu-se até a década de 1950, um estilo de vida adaptado em colônias de isolamento fundado na preservação de uma estrutura social receptiva e acomodativa (ROCHA e VEIGA, 2011). Esse sistema, configurado em um ambiente sanitaria em função de sua organização carcerária, adotou o modelo que se submetida aos sanatórios³. Ou seja, os pacientes eram segregados em edificações asilares. Santa Isabel remetia a idealização de uma sociedade que necessitava de espaços para manter tanto a sociabilidade dos internos como a amplitude científica que se buscava no período (FUNARBE, 2010). A partir dos anos 1950, com o uso da sulfona⁴ como tratamento eficaz na cura da doença, se instaura um novo modelo

³ Hospital especializado para tuberculosos, doentes mentais ou lepra.

⁴ O uso das sulfonas foi descoberto pelo médico norte-americano Guy Faget, em 1941. O tratamento acabava com o contágio do doente no início do tratamento. Esse procedimento revolucionou a profilaxia da hanseníase que se baseia no isolamento dos doentes (CARVALHO, 2015).

de tratamento feito em dispensários. (ASSIS, 1996). Tal situação fez com que a década de 1980 simbolizasse o fim definitivo do isolamento e a abertura da Colônia Santa Isabel (BUENO, 2011).

A presente pesquisa é parte de um contexto de relações que influenciaram a minha formação acadêmica e a minha vivência comunitária, tendo como base as raízes da minha família que estão fixadas na comunidade, do período do isolamento até o referido momento. Meu avô paterno foi segregado em Barbacena, acometido pela loucura, e meu avô por parte de mãe, chegou a ser internado em Santa Isabel para se tratar de hanseníase. Como era comum na época, minha avó materna, minha mãe e tios foram expulsos de casa deixando terras e bens para acomodarem-se no entorno de Santa Isabel, formando, juntamente com outras famílias, em situações análogas, às comunidades de familiares segregados.

Meus pais, ambos acometidos pela hanseníase, conheceram-se nesse arcabouço. Por isso, quando falo que eu nasci no final da década de 1980, eu também falo que eu cheguei em um período que também acontecia profundas mudanças sociais no país com o surgimento de movimentos sociais e do desejo de redemocratização do país. Desse modo, as memórias de minha família me constituíram, assim como as memórias da comunidade, me definiram como pessoa e como profissional. Costumo dizer que: “História é vida”, e realmente é! Ela está presente nas ruas, nas cores, nas edificações reformadas ou em ruínas, no imaterial e na memória, seja ela grande ou pequena. Ela não se encerra!

Neste entendimento, mesmo que haja processos de apagamentos materiais ou imateriais, a memória interliga-se ao sentimento que venho nutrindo por anos, em relação à interrupção de algumas tradições, destruição de algumas edificações e ao silenciamento de vozes de Santa Isabel, algo que agora apresento neste trabalho. Por isso, expresso dificuldades em manter distanciamento. As angústias no decorrer da pesquisa foram cessadas, ao materializar esse trabalho. Entretanto, constitui-se um momento que pode e deve ser debatido, mesmo que, em discursos prontos evoquem perguntas do tipo: “Por que lembrar aquilo que as pessoas querem esquecer?” A resposta vem pronta e encarnada: lembrar para ressignificar! É a partir desse olhar, que se objetivou a proposta da cartilha-roteiro evidenciando tanto o passado quanto o presente de Santa Isabel através de pequenos textos, mapas, ilustrações e fotos. Esse guia tem como objetivo mostrar as perspectivas de cada etapa do isolamento, para que o visitante acompanhe os processos de transformação e permanências de Santa Isabel. Entende-se como o público-alvo da cartilha tanto a comunidade escolar, através do programa de Educação Patrimonial oferecido pela Prefeitura de Betim, que já realiza visitas a comunidade, mas

também se planeja a expansão e conquista de um público mais variado com viés turístico. Trata-se de um roteiro que fomenta a visitação ampliada, como da Colônia Santa Isabel, potencializando a sua história local.

Os caminhos da pesquisa

A pesquisa teve um caráter exploratório. De acordo com Gil (2007 p.41) “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”, com bases conceituais delimitadas na relação da vida social de um ambiente hospitalar, formado e habitado por gente. O trabalho proposto tem como objeto de análise o Conjunto Urbano da Colônia Santa Isabel, ex-colônia de segregação dos atingidos pela hanseníase, criada na primeira metade do século passado para este fim. Assim, utilizamos também o referencial teórico metodológico da pesquisa qualitativa fenomenológica. O foco deste método trata-se de descrever, esclarecer e explicitar exaustivamente o que está velado (SANTOS e RAIMUNDO, 2017). Desta forma, a escolha dessa metodologia, justifica-se pela interação do objeto: A Colônia Santa Isabel no período de 1931-1982 com os sujeitos da pesquisa, os antigos internos possuidores de memórias traumáticas e/ou violentadas pela internação compulsória.

O método que será utilizado foi o da história oral testemunhal que é um campo da história oral caracterizado pela análise de vivências traumáticas que busca a correção de questões sociais, através da livre narração de seus colaboradores (MEIHY e SEAWRIGHT, 2020) O trabalho de história oral foi realizado com as pessoas que vivenciaram e/ou testemunharam o isolamento. Essa parte da pesquisa teve como base os trabalhos realizados por CARVALHO (2012) e MACIEL (2017) e referências na investigação de memória dos atingidos pela hanseníase.

A pesquisa de história oral que investiga a história da lepra / hanseníase no Brasil, vai além da própria doença e de seu fator biológico, mas sim, em uma visão ampla, analisa tanto quem sofreu a doença, como também quem cuidou da doença. (MACIEL,2017). Nesse sentido, é função do historiador interpretar questões relacionadas à vida dos entrevistados, a fim de transformar o seu relato em história. (CARVALHO, 2012).

O ambiente multicultural a Colônia Santa Isabel é formado por uma rica memória ainda latente a ser investigada. Desta forma, foram selecionadas 10 pessoas relacionadas à história desse conjunto urbano que vivenciaram o período do isolamento. Os alvos da pesquisa foram homens e mulheres que viveram na colônia nos anos de 1931-1982, anos que remetem ao funcionamento da Colônia Santa Isabel. As entrevistas foram realizadas de forma individual,

de história oral, pela importância com lugar de memória e potencialmente a sua manutenção como cultural do município e a sua existência no complexo urbano da Colônia Santa Isabel.

O desenvolvimento do recurso pedagógico – o roteiro de visita da Colônia Santa Isabel

O recurso foi elaborado em parceria com o curso de Design da UFMG, que funcionou como uma consultoria dos estudantes de graduação do Design. O trabalho conjunto potencializou a proposta de nosso recurso pedagógico dando ao roteiro uma identidade histórica, cultural, patrimonial e turística sem apagar o passado dos internos, mas ressignificando a comunidade através deste recurso. Para a construção do recurso, os estudantes basearam-se em informações apresentadas no pré-projeto e em uma visão espacial, a história da Colônia Santa Isabel na busca de informações que possam encarnar a proposta. Nesta proposta que apresentamos adiante, foram incorporados os espaços/lugares para a composição do roteiro, como também históricos e texto interativos. Além disso, foi realizada uma pesquisa na comunidade sobre suporte comercial para ser colocado no guia de serviços.

O recurso configurado como roteiro de visita para o Conjunto Urbano da Colônia Santa Isabel consta informações históricas dos espaços de memória e um mapa, localizando edificações, espaços e bens culturais da antiga Colônia.

Esse guia tem como objetivo mostrar as tendências de cada etapa do isolamento dos internos da hanseníase até os dias de hoje, através de uma comparação que o visitante poderá fazer ao visitar Santa Isabel guiado por esse recurso pedagógico ao analisar os espaços e lugares usufruídos no passado e existente ou não no presente.

O roteiro de visita da Colônia Santa Isabel é uma inovação na proposta de difusão de patrimônio cultural com destaque no turismo local. Este recurso busca ressignificar um conjunto urbano constituído de forma traumática, em um núcleo histórico de importância igual a outro presente em cidades históricas.

O diferencial da proposta é que ao abordar a história ainda recente do isolamento e instigar o visitante a visualizar as transformações do espaço de isolamento e os processos de abertura de Santa Isabel. Esteticamente o roteiro contemplará a proposta sinalizando a cores, fotos e textos que se juntam para abordar a história cultural do urbano de Santa Isabel.

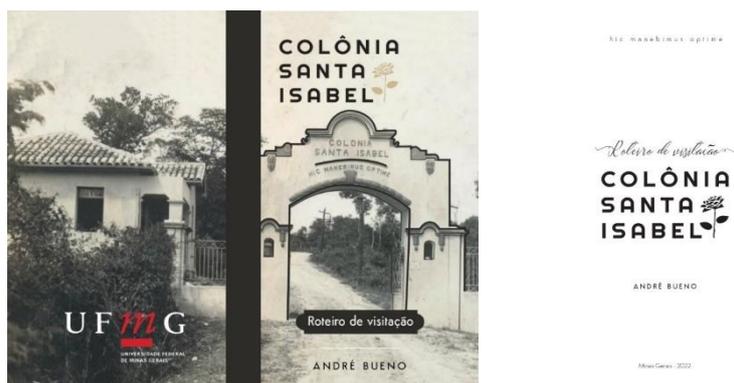


Figura 1 – – Capa e contracapa Roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel.

O roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel tem ao todo 130 páginas. Ele é composto por ficha técnica com a informa o das institui es participantes como os respectivos responsáveis técnicos pelo projeto. Um sumário para nortear as temáticas apresentadas na proposta. Para que o leitor encontre mais rapidamente o item de interesse. De forma inicial é feito uma apresenta o do roteiro de visitação da Colônia Santa Isabel. Faz-se necessário informar ao usuário do roteiro, questões importantes que serão mostradas no decorrer do trabalho. Seguida essa parte, são apresentadas orienta o sobre o uso do roteiro.

A apresenta o dos espaços de memória se d  por meio de fotografias que dialogaram e faram o leitor identificar como era a Colônia no período do isolamento, as profundas mudanças que sofreu o Conjunto Urbano da Colônia Santa Isabel nos últimos anos, bem como as permanências. Como principal objetivo do roteiro, abordamos as interven es est ticas e as permanências provocadas com tempo que também não deixam de contar a história desse núcleo histórico.



Figura 2 – Modelo de apresenta o de espaço de memória no roteiro

Além disso, de forma geográfica os lugares de memória são apresentados de acordo com o zoneamento de áreas proposta pela orientação sobre a construção e utilização de leprosários que são identificadas nas três zonas distintas: Zona sadia, Zona intermediária e Zona doente.

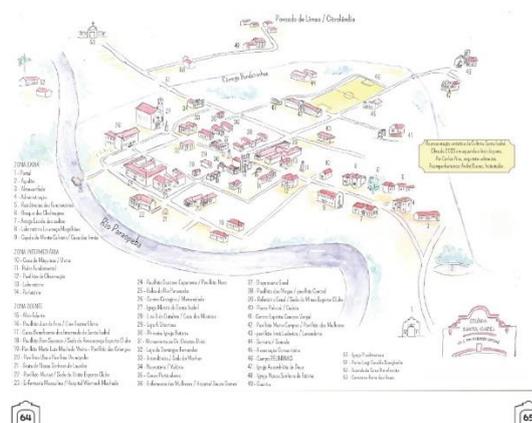


Figura 3 – Lugares de memória: Representação artística da Colônia Santa Isabel.

Foi idealizada a representação artística da Colônia Santa Isabel que tem por objetivo situar os lugares/espços de memória apontados pela pesquisa. A representação foi elaborada pelo arquiteto Carlos Pina⁸. Ele foi confeccionado em técnica de aquarela com traços em nanquim. A representação encontra-se na parte central do roteiro, sendo uma importante ferramenta para que o visitante se situe geograficamente e organize sua visitaçõ.

E por fim apresentamos no roteiro de visitaçõ, um calendário dos principais eventos, festividades e marcos da história da Colônia Santa Isabel e um guia de serviços que dá suporte ao visitante. Nele, equipamentos públicos podem dar mais acesso caso seja necessário suporte. Sua funcionalidade é peça fundamental para o uso do turismo e situar o comércio local, a fim de aquecer e motivar o turista a usufruir e conhecer mais sobre os serviços dispostos na comunidade.

Considerações finais

Embora haja uma produçõ bibliográfica considerável correlacionada a história das doenças, a Colônia Santa Isabel ainda é desconhecida para muita gente. Em razõ dessa

⁸ Natural de Cuiabá, MT, Carlos Pina é formado em Arquitetura e Urbanismo pela UNIC-Cuiabá, tem especializaçõ em Iluminaçõ e Design de Interiores pela Universidade Castelo Branco-RJ; atua como conselheiro suplente tanto no Conselho Estadual de Cultura (2017-2021) e atuou no Conselho de Arquitetura e Urbanismo no Estado de Mato Grosso (2017-2020).

realidade é necessário publicitar cada vez mais a sua existência de forma ressignificada e diversificada.

A opção da escolha de 10 pessoas, e não de um trabalho comunitário, veio de um importante processo de entendimento de que ao selecionar pessoas de diferentes seguimentos, conseguiríamos um resultado particular, e com mais detalhes, diferente de uma partilha comunitária, que poderia influenciar falas ou retrair os participantes, porque o entrevistado em sua individualidade contou a sua história interligada ao espaço/lugar que mais o marcou de forma afetiva.

Mesmo sendo este o meu lugar de fala, e ter a comunidade como meu refúgio, a cada momento com os entrevistados, me reinventou como pesquisador. Com a postura adquirida e com um roteiro estruturado, o que conseguimos registrar, vai além da proposta desse trabalho, mas sim o registro de pessoas que se manterão vivas dentro e fora da colônia.

Nesse sentido, é visível que as marcas do preconceito ainda são vigentes nas falas. Tais relatos evidenciam que mesmo com as campanhas de informação e os meios de comunicação disponíveis, a hanseníase ainda é um tabu a ser vencido. O estigma histórico que a doença carrega pontuam a realidade do Brasil como um dos países com maior incidência da doença no mundo. Logo, vê-se a necessidade de atacar o seu cerne, não apagar ou esquecer, mas sim, mostrar que a hanseníase tem cura, é tratável e revelar pontuadas consequências do preconceito histórico.

A patrimonialização de um ambiente como Santa Isabel, ocorrido nas últimas décadas, foi um fato importante que, marcou o início de uma série de ações que contribuíram, e contribuem para a proteção deste patrimônio do Brasil. A história cultural do urbano se apresenta como ferramenta para entender aspectos sociais de utilização de um espaço/lugar, por uma sociedade que se apropriou, reinventou e continua a defini-lo de acordo com a mentalidade de cada época.

O roteiro de visitação fruto desse trabalho, se torna uma ferramenta pioneira. Não há relatos, no Brasil, da existência de um roteiro de visitação baseado em memórias traumáticas. Tal consideração, aponta para um leque de possibilidades que se abrem para esta comunidade, como a ampliação da proteção do patrimônio histórico, que os órgãos públicos poderão intensificar na comunidade. A continuidade da ressignificação, por questões de apreço pelo lugar, motivadas pelos moradores, ao utilizar o roteiro como forma de apropriação deste espaço/lugar, e com o turismo guiado e estruturado, que conseqüentemente, trará mais investimentos, criará de forma integrada uma economia regional com valorização da cultura

local.

Neste processo a definição de uma linguagem para o roteiro e seu público-alvo foram discutidos de forma intensa, e ao finalizar o projeto, ele se apresentou como um material de linguagem simples e facilitadora, em primeiro lugar como ferramenta a ser utilizada pelo público escolar de Betim, através do projeto de educação patrimonial, que evidencia o patrimônio histórico e cultural do município. E em segundo, por visitantes e pessoas que buscam a temática de um local relacionado a história das doenças no Brasil. Nele apresentamos para o conforto e facilidade de seu manejo, orientações sobre a comunidade, como também locais de prestação de serviços, itens comuns para aqueles que não conhecem o local visitado. E por fim, servirá como modelo para a criação de outros roteiros de visitação, com a mesma temática e seguimento da Colônia Santa Isabel, ambientes marginalizados pela história que resistem a preconceitos sociais, e que precisam ser evidenciados.

Enfim, ao mapear os espaços/lugares descritos na bibliografia pesquisada, ao levantar os processos históricos sobre a sua constru o e utiliza o, como também a afetividade dos participantes da pesquisa, automaticamente selecionamos e indicamos o que deve ser patrimonializado, e receber os graus de prote o necessárias pelos órgãos públicos competentes, para proteger a história deste conjunto urbano.

Referências

ASSIS, Terezinha. **A História da Constru o de Betim. Espaço geográfico construído por gente.** Betim, MG, 1996.

BUENO, André Luiz de Jesus; VALENTE, Polyana Aparecida. **A ARTE CONSTRUINDO IDENTIDADE (S) NA COLÔNIA SANTA ISABEL (1931-1982).** Revista Espacialidades, v. 17, n. 1, p. 367-386, 2021.

CARVALHO, Keila Auxiliadora. **Tempo de lembrar: As memórias dos portadores de lepra sobre o isolamento compulsório.** Revista Aedos, v. 2, n. 3, 2009.

CARVALHO, Keila Auxiliadora. **Colônia Santa Isabel: a lepra e o isolamento em Minas Gerais (1920-1960).** 2012.

CASTRO, Elizabeth Amorim, **O leprosário São Roque e a Modernidade, Uma abordagem da Hanseníase na perspectiva da rela o Espaço-Tempo,** Curitiba, 2004.

FUNARBE, **Dossiê de Tombamento – Conjunto Urbano da Colônia Santa Isabel.** Betim, março/1998.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MACIEL, Laurinda Rosa et al. **Memórias e narrativas da lepra/hanseníase: uma reflexão sobre histórias de vida, experiências do adoecimento e políticas de saúde pública no Brasil do século XX.** 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe B. , SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: História oral aplicada** Editora Contexto; 1ª edição. 2020.

SANTOS, Clara Miranda; RAIMUNDO, Carlo Filipe Evangelista. **O método qualitativo e a abordagem fenomenológica: características e afinidades.** 2017. Disponíveis em: <https://www.eumed.net/rev/cccs/2017/04/metodo-qualitativo.html/> Acesso em 19/09/2020.